

generico.empauta.com

Genérico
Clipping da imprensa

Brasília, 23 de março de 2009 às 10h04
Seleção de Notícias

CADERNO ESPECIAL SOBRE A ÁGUA
GAZETA MERCANTIL

Gazeta Mercantil/SP

Outros

Muita água para poucos. Pouca água para muitos	4
---	----------

INFRA-ESTRUTURA

Outros

A busca pela qualidade	5
-------------------------------------	----------

Outros

Países precisam criar políticas para regular consumo, diz ONU	7
--	----------

Outros

Chefs levam o boteco a Campos do Jordão	9
--	----------

PLANO PESSOAL

Outros

O planeta tem sede de soluções	11
---	-----------

Outros

Sistema de posse gera guerra por água no Chile	12
---	-----------

Outros

O Brasil e o mundo contra a falta de água e saneamento básico	13
--	-----------

1ª PÁGINA

Outros

Muita água para poucos. Pouca água para muitos	14
---	-----------

INFRA-ESTRUTURA

Outros

Apesar da lei, cobrança ainda é incipiente	15
---	-----------

Outros

Marketing ambiental sofre com a crise	16
--	-----------

COMUNICAÇÃO | NEILA BALDI

Outros

Saneamento precisa de mais um PAC	19
--	-----------

Outros

Solução estaria em universalizar ações	20
---	-----------

Outros

Empresas fazem pouco para diversificar base acionária	22
--	-----------

FINANÇAS E MERCADOS | LUCIANO FELTRIN

Outros

Gestão estratégica em debate	23
---	-----------

INFRA-ESTRUTURA

Outros

O amarelo é o novo verde de rios e córregos	24
--	-----------

ROSE GEORGE

Muita água para poucos. Pouca água para muitos

INFRA-ESTRUTURA

23 de Março de 2009 - Com apenas 2, 5% de água doce existente no mundo e com o rápido crescimento da população mundial, não há dúvida que a água seja o recurso natural mais estratégico de qualquer país do mundo. No entanto, o que ocorre de maneira deflagrada é o desperdício de um lado e a escassez de outro.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que cada pessoa gaste de 100 a 120 litros de água por dia, mas as cidades de Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam os maiores índices de consumo por habitantes do País (236, 226 e 221, res-

pectivamente) , chegando a ser o dobro do estipulado pela ONU, mesmo em meio à crises de abastecimento.

O que muitos não têm conhecimento é que nós podemos ajudar o meio ambiente e diminuir a conta no final do mês com um mecanismo muito simples e que começa a ser implantado cada vez mais em empresas e condomínios do Brasil: o medidor de água individualizada. (Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 3) (Marco Aurélio Teixeira - Gerente de medição de água da CAS Tecnologia ([www. cas-tecnologia.com. br](http://www.cas-tecnologia.com.br))

A busca pela qualidade

23 de Março de 2009 - Após este domingo em que se celebra do Dia Mundial da Água, é oportuno aproveitar a data para estimular reflexões sobre esse importante tema. Existem problemas seríssimos no Brasil relacionados à água, como de contaminação por esgoto, que precisam ser solucionados. No País, menos de 60% das famílias têm rede e, destas, apenas um terço conta com tratamento. Nesse sentido, estamos trabalhando com o Ministério das Cidades para o lançamento de um plano decenal e inédito de saneamento para o Brasil. Nossa meta maior será dobrar, em 10 anos, a quantidade de esgoto coletado e tratado, o que exigirá investimentos expressivos ? R" mas não menos importantes ? R" da ordem de R\$ 10 bilhões por ano, durante três anos.

Além do plano de saneamento, estamos reforçando os comitês de bacias hidrográficas no país, para agilizar inclusive a cobrança pelo uso da água, já prevista em lei, estabelecer parques fluviais e plantar matas ciliares ao longo dos rios. O primeiro local em que isso foi realizado foi o estado do Rio de Janeiro, onde lançamos, em 2007, o Parque Fluvial do Guandu, para se plantar 1, 5 milhão de árvores ao longo de suas margens, mobilizando empresas privadas, como a Vale, e fazendo compensação ambiental e pagamento por serviços ambientais aos pequenos agricultores e proprietários que reconstituam as matas ciliares. O segundo parque fluvial foi o do Macacu, também no Rio. O terceiro será o do São Francisco, como parte do Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, com tratamento de esgoto, retirada de lixões, recuperação das margens com plantio de matas ciliares e tratamento das microbacias que são afluentes do Velho Chico.

Mas apesar dos problemas, ainda existem no Brasil

rios de qualidade boa, como o Amazonas, onde está a maior quantidade de água doce do mundo, e o Araguaia. Existe ainda o Aquífero Guarani, o maior potencial de água doce subterrânea do mundo. Neste caso, adotamos uma estratégia em comum com países do Mercosul que o dividem conosco - Uruguai, Argentina e Paraguai - para impedir que seja contaminado. A questão foi acatada como essencial em uma reunião do Mercosul e uma série de medidas concretas vem sendo tomada.

Ainda assim, é evidente o estado geral de deterioração, com o crescimento da população e o fato de que muitos desses cursos d'água atravessam grandes metrópoles. A Baixada Fluminense é um exemplo: a população vive à beira de rios, desmatando suas margens e jogando lixo na água. E quando chove, por causa de rios assoreados, alguns perdem tudo, para não dizer a própria vida. Para a Baixada, conseguimos recursos estaduais e federais da ordem de R\$ 200 milhões para fazer o programa Iguaçu-Sarapuí-Botas, com melhorias para 3 milhões de pessoas. Vamos realocar a população para terrenos planos, doados por prefeituras, com recursos da Caixa Econômica Federal, para a construção de apartamentos, e em seguida dragar os rios, plantar matas ciliares, fazer ciclovias e oferecer melhorias, como praças e pontes.

As obras na Baixada Fluminense, além de defender a população das inundações e de melhorar a qualidade de vida, são as primeiras que fazem a chamada adaptação às mudanças climáticas. Na discussão do clima, a adaptação é o conceito que se aplica quando algo vai ocorrer inexoravelmente, e é preciso se adaptar. Na Baixada Fluminense - o nome já diz tudo - quando chove muito e o rio está assoreado, há inundação. Imaginemos daqui a 30 anos, quando o mar es-

Continuação: A busca pela qualidade

tiver 15 centímetros acima, segundo as previsões científicas menos pessimistas. Estão sendo construídas estradas e ciclovias em áreas mais altas para funcionar como diques, para proteger a área de um possível aumento no nível do mar daqui a 30 anos. O que está sendo feito no Rio será uma demonstração:

vamos fazer isso para o Brasil todo.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 2) (Carlos Minc - Ministro do Meio Ambiente)

Países precisam criar políticas para regular consumo, diz ONU

BRASÍLIA, 23 de Março de 2009 - O aumento cada vez maior do consumo de água vai exigir que os países estabeleçam políticas públicas para regular o seu uso. Essa é uma das conclusões do 3º Relatório das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Mundial dos Recursos Hídricos, divulgado durante o 5º Fórum Mundial da Água, encerrado ontem, Dia Mundial da Água, em Istambul, na Turquia.

O documento informa que já existem políticas em diversos países para redução da demanda e do desperdício de água. O texto alerta também para a necessidade do envolvimento de todos os setores da sociedade responsáveis pelas tomadas de decisão, e não somente das áreas que tratam diretamente do assunto, na formulação de diretrizes para regular o consumo de água.

Entre os fatores que vão levar ao consumo ainda maior de água, prevê o relatório da ONU, estão o crescimento e a mobilidade da população, o aumento no padrão de vida, mudanças nos hábitos alimentares e o crescimento da produção de energia, particularmente de biocombustíveis. Além disso, segundo texto, os efeitos das alterações climáticas devem agravar a situação em países que já estão quase no limite de uso de água dos recursos hídricos.

De acordo com o relatório, triplicou a prospecção de água potável nos últimos 50 anos e dobrou o número de áreas irrigadas.

A ONU atribuiu isso ao crescimento da população mundial, que registra cerca de 80 milhões de nascimentos por ano. O aumento demográfico vem resultando num incremento anual de 64 bilhões de metros cúbicos na demanda por água.

A agricultura é o principal consumidor, respondendo por 70% do uso de água. Caso não sejam tomadas medidas para conter o uso dos recursos hídricos pelo se-

tor agrícola, alertam os autores do relatório, a procura mundial por água vai crescer entre 70% e 90% até 2050.

Ainda segundo o relatório da ONU, a expansão da produção de biocombustíveis também contribuiu para aumentar o consumo de água. A produção de etanol, de acordo com o documento, triplicou entre 2000 e 2007 e pode chegar a 127 bilhões de litros até 2017. O Brasil e os Estados Unidos são os principais produtores, tendo como matrizes, respectivamente, a cana-de-açúcar e o milho.

Além disso, destaca o documento, as mudanças nos hábitos alimentares também têm aumentado a demanda pelos recursos hídricos, especialmente o crescimento do consumo de carne. Para a produção de um quilo de carne são necessários entre 800 e 4 mil litros de água.

Acesso inadequado

O relatório também aponta que o acesso a serviços como água potável e saneamento básico continua inadequado na maior parte dos países em desenvolvimento.

De acordo com as perspectivas apresentadas no documento, em 2030, cerca de cinco bilhões de pessoas, 67% da população mundial, vai continuar sem esgotamento sanitário, se o cenário atual for mantido.

Dessa forma, a perspectiva de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) relativos à água em 2015 é ao mesmo tempo promissor e alarmante. De um lado, a atual tendência leva a crer que 90% da população terá acesso a boas fontes de água potável no prazo estipulado; de outro, o progresso em termos de esgotamento sanitário, deve continuar insuficiente.

O objetivo estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000 é reduzir pela metade, até 2015, o percentual da população sem acesso sustentável a uma fonte adequada de água potável e a saneamento.

No que diz respeito à água potável, o mundo como um todo está próximo de alcançar as metas estabelecidas nos ODM, a não ser pela África Sub-Saariana, onde cerca de 340 milhões de pessoas ainda não têm acesso ao recurso natural.

Contudo, o mundo está longe de alcançar o objetivo de saneamento. Somente na África, meio bilhão de pessoas não têm acesso a esgotamento sanitário. De acordo com a ONU, os esforços devem ser redobrados para superar esse atraso.

Continuação: Países precisam criar políticas para regular consumo, diz ONU

Segundo o relatório, a ligação entre pobreza e recursos hídricos é óbvia, pois o número de pessoas que vivem com menos de U\$ 1,25 por dia coincide, quase que totalmente, com o número daqueles que vivem sem água potável.

O principal impacto dessa situação é observado na saúde, de acordo com os autores do documento. Quase 80% das doenças em países em desenvolvimento estão associadas à qualidade da água e causam cerca de três milhões de mortes por dia.

(Gazeta Mercantil/Relatório - Pág. 6) (Agência Brasil)

Chefs levam o boteco a Campos do Jordão

PLANO PESSOAL

São Paulo, 23 de Março de 2009 - A cidade de Campos do Jordão, em São Paulo, é conhecida pela sua temporada de inverno. Seus hotéis e pousadas, com arquitetura européia, e seus restaurantes, com pratos requintados e harmonizados com os melhores vinhos encontrados nas adegas do mundo inteiro, dão um toque a mais para a cidade. Mas os meses de março e abril também deixam a cidade muito charmosa. O clima da cidade não está rigoroso. A temperatura oscila entre 10°C e 25°C. E a movimentação é pequena na cidade. Um roteiro ideal para aqueles que procuram um lugar tranquilo para deixar o estresse das cidades grandes e descansar em algumas das melhores suítes do interior paulista.

E quem passar alguns dias na cidade poderá experimentar seis pratos especiais, que foram criados para se harmonizarem com as cervejas artesanais jordanenses. Até o dia 12 de abril, a Choperia Baden Baden organiza o Botequim Gourmet. O evento visa mostrar ao público que é possível comer iguarias "de boteco" de uma forma um pouco mais sofisticada. Cada prato será vendido na Choperia Baden Baden por R\$ 32, 80.

O chef do restaurante Vecchio Sogno, Ivo Faria, criou duas receitas com o "jeitinho mineiro". Das cozinhas de Belo Horizonte, ele levou para Campos o lombo em crosta pururucada com molho de mostarda com pupunha. O nome do prato remete àquela sensação que todos os apreciadores da comida mineira adoram: o crocante do torresmo.

O outro prato de Faria faz uma mistura da comida contemporânea com a originalidade mineira. Ele criou as lâminas de noce dourada no forno com manteiga Humbert sobre trifolati de funghi. Em resumo, o chef colocou o sabor do noix de contrafilé junto à manteiga com ervas e um trio de cogumelos: o champignon, shitake e shimeji. "Esses pratos foram criados especialmente para a harmonização com as cervejas Baden Baden", diz Faria. A ressalva é que

os pratos não serão servidos no seu restaurante, em Belo Horizonte.

O chef do restaurante Kinoshita, de São Paulo, Tsuyoshi Murakami, colocou toda a tradição da cozinha nipônica em dois pratos de simples preparo, porém de muita sofisticação. No missô steak, Murakami fez da carne de picanha um sashimi (os pequenos filés de peixe cru). Entre algumas gotas de shoyu, missô (um tipo de pasta de soja), azeite, pimenta e mel, o chef criou um prato frio requintado com sabores que percorrem o doce até o salgado.

A segunda receita preparada por Murakami é uma das comidas japonesas mais conhecidas no Brasil, o tempura. O chef criou o mini kakiague tempura de camarão e vieiras para harmonizar com as cervejas. "Adoro misturar a gastronomia do Japão com a cozinha contemporânea", comenta Murakami.

A simplicidade do Restaurante e Cachaçaria Mocotó, de São Paulo, também contemplará o cardápio do Botequim Gourmet. O atual chef Rodrigo Oliveira, que também é filho do fundador do Mocotó, criou algumas receitas para os turistas de Campos do Jordão.

Oliveira prepara o escondidinho com carne-seca, em seu restaurante. Segundo ele, a opção é uma das mais pedidas. Para o Botequim Gourmet, o chef criou o escondidinho de carne-de-panela, e o dadinho de tapioca com queijo-de-coalho. "Essas receitas eram apenas experiências, mas acabei entendendo que dão certo", afirma Oliveira.

Para o proprietário da Uno Fomento Mercantil, Mauro Lenzi, Campos do Jordão é uma ótima opção para descansar no final de semana e também um lugar onde come-se muito bem. "Tenho uma casa na cidade desde 1992. Fui atraído para a cidade pelo clima frio", destaca o empresário.

Lenzi afirma que a facilidade de chegar à cidade é um

Continuação: Chefs levam o boteco a Campos do Jordão

dos pontos que o levam ao local. "Eu gasto, aproximadamente, duas horas para sair de São Paulo e chegar em Campos. Não tenho como reclamar. Aqui tem ótimos restaurantes e bares, que também me agradam. "

Cerveja tirada do pé

Além de beber a cerveja Baden Baden, todos podem visitar a fábrica e entender um pouco sobre o processo de "tirar a cerveja do pé". A água, que corresponde a cerca de 90% do líquido da cerveja, é extraída de uma fonte localizada nos fundos da fábrica. A unidade está localizada no Bairro Santa Cruz, em Campos do Jordão.

O restante dos ingredientes é composto pelo malte de cevada, que é responsável pela maior parte do sabor da cerveja. Os outros itens são o lúpulo, que é importado da República Tcheca e tem a função de amargar e conservar a cerveja. Por fim, o fermento é o responsável pelo gás e pela formação do álcool da bebida.

Tudo é produzido na "cozinha", local onde estão concentrados os tanques industriais. A água passa por um tanque que a deixa em alta temperatura e, depois, é enviada para o tanque de brassagem, que a mistura com o malte. O resultado deste processo é direcionado para o tanque de clarificação, que tem a função de separar o bagaço do líquido.

Toda a substância líquida vai para o tanque de cozimento, onde são adicionados os demais ingredientes da cerveja. Depois, a substância é enviada para a Whirlpool, que centrifuga o líquido. Todo esse processo demora, aproximadamente, oito horas.

A partir da preparação da receita, a pré-cerveja fica em um tonel por sete dias, em uma temperatura de 14°C. A fábrica da Baden Baden, que pertence ao Grupo Schincariol, tem uma capacidade de produção de 120 mil litros de cerveja por mês.

(Gazeta Mercantil/Caderno D - Pág. 3) (Pedro Souza)

O planeta tem sede de soluções

Rio de Janeiro, 23 de Março de 2009 - Definida no dicionário apenas como "líquido incolor e inodoro, composto de hidrogênio e oxigênio", a água acaba passando despercebida no cotidiano como uma das substâncias mais importantes do planeta. Além de ser o principal constituinte do corpo humano, ela é responsável pela vida de quase todas as espécies da Terra, além de atuar na regulação da temperatura da mesma. Ontem foi celebrado o Dia Mundial da Água, e não houve motivos para comemorar. Em várias partes do mundo, as pessoas estão sem acesso adequado à água. E o quadro só tem piorado com o passar dos anos.

Segundo dados da Unesco, a África é o continente onde o problema é maior. São 340 milhões de pessoas sem acesso a água potável e 500 milhões sem saneamento básico adequado. Isto sem contar que essa situação pode se agravar ainda mais com os problemas ambientais enfrentados pelo planeta, como a poluição e o aquecimento global.

Segundo o Greenpeace e a Organização das Nações Unidas (ONU), existe uma necessidade iminente de se proteger os oceanos. Atualmente, apenas 1% das áreas oceânicas do planeta está protegido nas chamadas Áreas Marinhas Protegidas (AMPs). A ONU defende que este número tem de subir para 30% a longo prazo. O Greenpeace vai mais longe, declarando uma necessidade de proteger 40% das áreas marinhas do planeta. Dados bem altos para uma humanidade que parece não ter noção da dimensão do problema.

"Posso dizer que a situação da água no mundo é extremamente preocupante. Já há várias áreas do planeta onde a água está escassa, devido à poluição e ao esgotamento das fontes naturais", alerta o diretor-presidente do Instituto Brasil PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente)

, Haroldo Lemos. "Segundo dados da ONU, em 2023 já teremos cerca de 23 países sem água".

Prenúncio de guerra

Com a falta de água no mundo, a poluição dos mares, lagos e rios e o agravamento das mudanças climáticas, é esperado que se forme uma tensão entre alguns países à respeito do tema. Tal problema poderia desencadear até um conflito bélico, na visão de estudiosos e pessoas diretamente ligadas ao assunto.

"É perfeitamente possível que um dia tenhamos uma guerra por água. A própria ONU já admitiu isso" comentou Haroldo Lemos. "Outra coisa que pode acelerar este processo é o fato de todos os modelos matemáticos dizerem que, no futuro, teremos mais chuvas nas regiões temperadas e menos nos trópicos. Ou seja, os países menos desenvolvidos podem ter menos água ainda e isso pode gerar um conflito".

Na semana passada, foi realizado, em Istambul, o Fórum Mundial da Água. Dele participaram autoridades e representantes de entidades competentes de diversos países. Um dos representantes brasileiros foi José Machado, presidente da Agência Nacional de Águas (ANA). Apesar das trocas de experiência e cooperação, o encontro serviu para deflagrar a enorme diferença na questão da água entre países desenvolvidos e nações em desenvolvimento.

"Existem países que estão em posição de vanguarda, como Espanha e França. A União Europeia como um todo está muito bem, assim como a Austrália. O Brasil está nesse batalhão de vanguarda, embora ainda enfrentemos problemas", opinou o presidente da ANA, que confirmou que a África e parte da Ásia são as zonas mais críticas do planeta. (Gazeta Mercantil/Relatório - Pág. 1) (Flávio Dilascio)

Sistema de posse gera guerra por água no Chile

23 de Março de 2009 - Durante as últimas quatro décadas em Quillagua, cidade chilena que nos livros de recordes é o lugar mais seco do planeta, os habitantes às vezes viram alguns pingos de chuva acima dos morros. Eles nunca chegavam ao chão, evaporando ainda no ar, como uma miragem.

O que a cidade tinha era um rio, abastecendo um oásis no deserto do Atacama. Mas empresas de mineração poluíram e usaram tanta água que, segundo os habitantes, por meses a cada ano o rio é pouco mais do que um córrego - não aproveitável.

Quillagua está entre muitas pequenas cidades engolidas pelas guerras cada vez mais intensas no país. Em nenhum lugar do mundo, o sistema para comprar e vender água é mais permissivo do que no Chile, dizem especialistas, onde os direitos à água são propriedades privadas, não um recurso público, e pode ser comercializada como commodity com pouca fiscalização do governo ou salvaguardas ambientais.

A posse privada é tão concentrada em algumas áreas que apenas uma empresa de eletricidade da Espanha, a Endesa, comprou 80% dos direitos à água numa enorme região no sul, causando rebuliço. No norte, produtores agrícolas estão competindo com empresas de mineração para usar a água dos rios e sanar de forma precária a oferta escassa de água.

"Parece que tudo está contra a gente", desabafa Bartolome Vicentelo, 79 anos, que já foi agricultor e pescou camarão no rio Loa que abastece Quillagua.

A população é cerca de um quinto do que era há menos de duas décadas; tantas pessoas deixaram a região que ele é um dos modestos 120 habitantes ainda no local.

Alguns economistas elogiam o sistema de comercialização dos direitos à água no Chile, estabelecido em 1981 durante a ditadura militar, como modelo de eficiência de livre mercado que aloca água para seu uso econômico mais elevado.

Mas outros acadêmicos e ambientalistas argumentam que o sistema chileno é insustentável porque promove especulação, põe em risco o meio ambiente e permite que pequenos interesses sejam potencializados por forças poderosas, como a indústria de mineração do Chile.

"O modelo chileno foi longe demais na questão da regulação irrestrita", diz Carl J. Bauer, especialista em água da Universidade do Arizona.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 4) (Alexei Barriounevo THE NEW YORK TIMES)

O Brasil e o mundo contra a falta de água e saneamento básico

1ª PÁGINA

23 de Março de 2009 - A população mundial cresce. A qualidade de vida em muitos países em desenvolvimento também. Ao mesmo tempo em que o consumo de água só apresenta tendências de crescimento, o aquecimento global ameaça ainda mais o abastecimento de bilhões de pessoas. O caderno es-

pecial do Dia Mundial da Água (celebrado ontem), que circula com esta edição, deixa claro que é preciso buscar novas soluções para o problema do acesso à água potável e saneamento básico, e apresenta algumas delas. (Gazeta Mercantil/1ª Página - Pág. 1)

Muita água para poucos. Pouca água para muitos

INFRA-ESTRUTURA

23 de Março de 2009 - Com apenas 2,5% de água doce existente no mundo e com o rápido crescimento da população mundial, não há dúvida que a água seja o recurso natural mais estratégico de qualquer país do mundo. No entanto, o que ocorre de maneira deflagrada é o desperdício de um lado e a escassez de outro.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que cada pessoa gaste de 100 a 120 litros de água por dia, mas as cidades de Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam os maiores índices de consumo por habitantes do País (236, 226 e 221, respectivamente), chegando a ser o dobro do estipulado pela ONU, mesmo em meio à crises de abastecimento.

O que muitos não têm conhecimento é que nós podemos ajudar o meio ambiente e diminuir a conta no final do mês com um mecanismo muito simples e que começa a ser implantado cada vez mais em empresas e condomínios do Brasil: o medidor de água individualizada.

Atualmente, a maior parte dos condomínios possui um único ponto de medição de água. A partir dele é realizada a divisão da conta, que é feita igualmente entre todos os apartamentos. Até mesmo em grandes condomínios, que possuem diversos blocos, muitas vezes a medição é única para todos. Segundo levantamentos, a conta de água é a segunda maior no valor do condomínio. Consequentemente, este método mostra-se injusto em muitos casos.

O sistema de medição individualizada de água funciona por meio da telemetria, ou seja, é feita uma coleta de informações sobre o consumo de cada condômino e esta é enviada remotamente via GPRS a administradora. Desta forma, as informações podem ser conferidas pela internet diariamente, tanto pela

própria administradora do condomínio como pelo síndico do prédio.

O mecanismo constrói uma metodologia importante para a redução do desperdício, já que permite que cada condômino conheça o seu consumo e pague proporcionalmente ao mesmo. Sua utilização gera uma mudança de hábitos, levando à redução do desperdício de água e a uma série de outros benefícios. Estima-se que o mecanismo leve a uma economia imediata de 20%, podendo, em alguns casos, chegar a 40%, já nos primeiros três meses após sua adoção.

Do lado dos administradores de edifícios, o sistema é muito benéfico, pois permite identificar vazamentos internos nos apartamentos que poderiam levar a perdas de água durante dias, meses e até anos. No sistema coletivo é difícil saber em qual apartamento há vazamentos ou quem estava gastando mais. Já com o medidor individualizado, na primeira conta, já se detecta se algum apartamento apresenta irregularidades.

Gastar mais de 120 litros de água por dia é desperdiçar nossos recursos naturais e também dinheiro. A saber: o destino da água em uma casa no Brasil é de 17% para consumo (cozinhar, beber), 65% para higiene (banho, escovar os dentes), 4% para lavagem de roupa, 9% para outros fins, como lavagem de carro, e, finalmente, 5% para descarga de banheiro. Vamos fazer alguma coisa antes que seja tarde demais?

kicker: A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que cada pessoa gaste de 100 a 120 litros de água por dia

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 3) (Marco Aurélio Teixeira - Gerente de medição de água da CAS Tecnologia (www.cas-tecnologia.com.br))

Apesar da lei, cobrança ainda é incipiente

23 de Março de 2009 - Aprovada em 1997, a Lei de Recursos Hídricos, que prevê a cobrança do uso da água, ainda não faz muito efeito. Com a lei, oito comitês hidrográficos foram criados, mas apenas dois, o do rio Paraíba do Sul e do Piracicaba, Capivari e Jundiá cobram pelo uso da água. Mesmo assim, a remuneração pelo uso da água só começou em 2003 e 2006, respectivamente, nas duas bacias.

Em 2008, os dois comitês arrecadaram, juntos, R\$ 25 milhões. O montante fica com os comitês, que têm a obrigação de investir na rede de água e esgoto que abrangem. Cerca de 150 projetos são desenvolvidos com os recursos.

O próximo comitê a lançar mão da contribuição será o do rio São Francisco. A cobrança está prevista para o segundo semestre deste ano. Mais três comitês devem, até 2015, começar a receber dinheiro dos consumidores, segundo o gerente de Cobrança da Agência Nacional de Águas (ANA), Patrick Thadeu Thomas. "A Lei não estipulou um prazo para a cobrança. Os comitês é que decidem", explicou.

Mas a obrigatoriedade da cobrança já gerou muita polêmica. As empresas públicas alegaram, no início,

que não tinham como arcar sozinhas com o custo adicional. Para a Companhia de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), a contribuição chega a custar R\$ 20 milhões por ano.

O impasse foi resolvido no ano passado, com a mudança de um artigo da lei. A medida autorizou as empresas públicas a repassar o custo adicional aos consumidores. A Cedae vai iniciar o repasse no segundo semestre deste ano.

Além de revitalizar as bacias brasileiras, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, criou no fim de 2008, junto com representantes do Paraguai, Uruguai e Argentina, o Programa do Aquífero Guarani (PAG), o maior manancial de água doce do mundo, com 1, 2 km de extensão. O plano de exploração e gestão compartilhada prevê investimentos de US\$ 26 milhões em quatro projetos pilotos que serão administrados e desenvolvidos localmente. Metade desse investimento será financiado pelo Banco Mundial. "O objetivo é evitar a poluição do Aquífero, que é estratégico", disse Minc.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 2) (N. P.)

Marketing ambiental sofre com a crise

COMUNICAÇÃO



"Agência sustentável" do Banco Real foi criada em 2007, diz Linda

São Paulo, 23 de Março de 2009 - Em época de crise, cortar gastos é a palavra de ordem nas empresas. E quem pode sofrer primeiro os efeitos da retração são as ações relacionadas a patrocínios ou projetos similares. Com o marketing ambiental a história não é diferente. Estudo da RolandBerger Strategy Consultants mostra que 27% das corporações reduzirão a verba para tecnologia verde em 2009 e 2010 e 39% dizem que adiarão investimentos na área.

O resultado do estudo, no entanto, não é desesperador, na avaliação de alguns especialistas do setor, que esperavam um índice maior de intenção de corte nas aplicações em projetos do chamado marketing verde. O aumento da importância da atividade nessa área na estratégia das corporações pode ser a explicação.

O meio ambiente é o segundo item mais contemplado em programas de responsabilidade social das empresas. Segundo dados da Associação Brasileira dos Anunciantes (ABA), 68% das organizações afir-

mam fazer este tipo de investimento, atrás apenas da educação (86%), e 50% aplicam mais de R\$ 2 milhões por ano em responsabilidade social.

Unidades

Mas, apesar disso, o consumidor não vê da mesma forma. Levantamento da Market Analysis mostra que apenas 12% dos clientes prestigiam companhias consideradas "responsáveis".

Segundo a pesquisa da RolandBerger Strategy Consultants, a maior parte dos investimentos em tecnologia verde vai para a gestão de água (25,3%) e de resíduos sólidos (22,2%). Algumas corporações chegam ao ponto de criarem unidades "sustentáveis". Estão nesta lista o Banco Real, com uma agência no município paulista de Cotia, e o Pão de Açúcar, com um supermercado de Indaiatuba (SP), que terá uma "cópia" este ano na capital paulista.

Em junho do ano passado, o Pão de Açúcar inaugurou o primeiro "supermercado verde" da América Latina, que demandou investimentos de R\$ 7,5 milhões. "Buscamos diminuir o impacto no meio ambiente na operação e na construção", afirma Paulo Pompilio, diretor de relações corporativas e responsabilidade socioambiental. A loja foi construída atendendo aos Leadership in Energy and Environmental Design, normas internacionais que prevêem aumentar a eficiência no uso de recursos. Estipulam também a diminuição do impacto socioambiental, com redução de 30% em energia, 35% em emissões de carbono, 30% a 50% de água e de 50% a 90% na eliminação de resíduos.

Pompilio diz que a unidade integra novas ações a outras já realizadas pelo grupo na área, como a venda das sacolas retornáveis. Ele nega que a ação tenha cunho de marketing, embora admita reflexos na marca.

Advogado da marca

Continuação: Marketing ambiental sofre com a crise

Ismael Rocha Júnior, diretor de extensão e operações da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ES-PM), diz que, com o marketing verde, a empresa faz com que o seu consumidor vire "advogado" da marca, pois passa a ter um conhecimento maior sobre a empresa e, além disso, traz associações positivas à marca. Ele alerta, no entanto, para o risco de as empresas se limitarem a atividades pontuais na área.

Segundo ele, companhias que fazem ações de redução de seu impacto no meio ambiente não veem a atitude como marketing, embora certamente haja retorno de imagem. "Não é à toa que existem índices, como o de sustentabilidade, da Bovespa. "

Outra empresa que criou uma unidade totalmente sustentável foi o Banco Real, em 2007. O prédio foi construído na cidade de Cotia com tijolos reciclados, tinta sem solventes e assoalho e móveis de madeira certificada. "A sustentabilidade faz parte da nossa estratégia", afirma a superintendente de desenvolvimento sustentável do Grupo Santander Brasil, Linda Murasawa. Estão incluídas aí ações públicas e produtos sustentáveis, como um fundo de investimento.

Divulgação

Valdir Cimino, fundador da Associação Vive e Deixe Viver e integrante do comitê socioambiental da Associação Brasileira de Anunciantes (ABA), observa que 81% das empresas divulgam as atividades de responsabilidade social para seus públicos. E pesquisa encomendada pelo Instituto Akatu mostra que,

em 2000, 24% dos consumidores prestigiavam empresas com ações de responsabilidade social, enquanto em 2007 eram apenas 12%.

"O consumidor está tomando consciência de que tem uma escolha, é um processo de aprendizagem", afirma Dorothy Roma, gerente de pesquisas e métricas do Instituto Akatu.

Thomas Kunze, sócio da Roland Berger Strategy Consultants, concorda. Para ele, o investimento no setor é reflexo do amadurecimento da consciência ambiental no Brasil. Exemplo disso, ele acrescenta, é que o índice de empresas que pretendem reduzir os investimentos em sustentabilidade para este ano e o que vem é de "apenas" 27% - em plena crise econômica.

Na Perdigão, as ações de sustentabilidade começaram em 1994, e visam a redução de impactos. Estão na lista o programa de redução do consumo de energia e água, além do menor impacto dos dejetos de suínos. Desde 2008, na unidade de Capinzal (SC) passou a ter uma estação de tratamento de água, na qual foram investidos R\$ 1,5 milhão.

A Philips também tem um portfólio de produtos sustentáveis, responsável por 25% do faturamento no ano passado - a meta é chegar a 30% em 2012. "A sustentabilidade faz parte do nosso DNA", diz Marcus Nakazawa, assessor de sustentabilidade da Philips.

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 8) (Neila Baldi)

Continuação: Marketing ambiental sofre com a crise

O VERDE QUE DÁ RETORNO

A responsabilidade social nas empresas

Valores aplicados (por ano)

Até R\$ 100 mil:	7%
Entre R\$ 100 mil e R\$ 500 mil:	16%
Entre R\$ 500 mil e R\$ 1 milhão:	18%
Entre R\$ 1 milhão e R\$ 2 milhões:	9%
Acima de R\$ 2 milhões:	50%

Linhas de atuação

Educação:	86%
Meio Ambiente:	68%
Informatização:	16%
Terceira Idade:	12%
Infância:	47%

Divulgação das ações

Amplamente:	81%
Regularmente, para públicos específicos:	14%
Nunca:	5%

Investimentos anuais em soluções sustentáveis no Brasil

Em relação ao faturamento (em %)

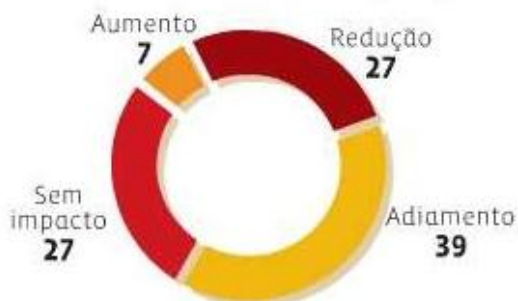


Por segmento (em %)



Efeitos da crise

Investimento verde em 2009/2010 (em %)



Interesse do consumidor

80% querem saber as ações de responsabilidade da empresa

Dois terços acreditam que as companhias devam ajudar a resolver problemas sociais

12% prestigiam organizações responsáveis

14% punem as pouco responsáveis

Fontes: ABA, RolandBerger Strategy Consultants e Market Analysis

Saneamento precisa de mais um PAC

Rio de Janeiro, 23 de Março de 2009 - Apesar dos R\$ 28, 9 bilhões previstos para saneamento no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o governo federal vai ter de investir mais R\$ 150 bilhões na coleta e tratamento de esgotos em 2015. O diretor de Articulação Institucional da Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental do Ministério das Cidades, Sergio Gonçalves, afirma que um PAC ainda é pouco para amenizar a poluição dos rios, principalmente os localizados nas nas regiões metropolitanas.

"O PAC não é suficiente. Por isso, há uma previsão de investir mais R\$ 123, 6 bilhões em 2010 e R\$ 151, 1 bilhões em 2015", destacou o diretor, sem detalhar, no entanto, as fontes dos recursos.

Mais projetos

Cerca de 90% das obras de saneamento do PAC já estão em construção e as inaugurações dos principais projetos, como a estação de tratamento do rio Saracuí, na Baixada Fluminense, vão ocorrer no segundo semestre deste ano. Entretanto, as inaugurações de 10% das obras previstas no programa vão ficar para o sucessor do presidente Lula, depois de 2010. Ou seja, investimentos da ordem de R\$ 1 bilhão no segmento vão ficar para o próximo presidente. No total, o programa abrange 878 projetos de saneamento.

Além do PAC e dos R\$ 151, 1 bilhões, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, vai anunciar, em breve, o Plano Decenal de Saneamento. O programa vai incrementar mais R\$ 10 bilhões por ano de projetos. O objetivo, segundo o ministro, é dobrar a estrutura de coleta e tratamento de esgoto do País.

"Cerca de 60% das famílias contam com rede de esgoto, só que apenas um terço, o que corresponde a 18% do esgoto de todo o País, é tratado. A meta é sair dos 18% para 40% em 10 anos", explicou Minc, ao

acrescentar que o plano será desenvolvido em parceria com o Ministério das Cidades. Além dos robustos investimentos, o ministro disse que pretende criar limites de poluição das bacias hidrográficas, reforçar os comitês, agilizar o processo de cobrança da água e projetos de desassoreamento de rios.

"A população tem que ter consciência de que não pode jogar lixo nos rios. Além disso, uma maior rigidez na cobrança de água vai diminuir o desperdício", destacou o ministro.

Água e desenvolvimento

O ex-diretor-presidente da Agência Nacional de Águas (ANA) e professor de Recursos Hídricos da Coppe-UFRJ, Jerson Kelman, explica que um dos fatores que impedem o desenvolvimento de algumas áreas da região Nordeste e do próprio semi-árido é a falta de água.

"Tem água para beber. O que falta nesses lugares é água em abundância para indústrias. Um dos fatores determinantes para a fixação de empresas é a presença de água" explicou.

A seca, um dos principais fatores de migração da população, provoca o inchaço das regiões metropolitanas. Tal fenômeno contribui para o aumento da poluição dos rios, uma vez que a estrutura de saneamento não cresce na mesma proporção do fluxo populacional.

Outro ponto levantado por Kelman é a utilização dos rios como hidrovias.

"Os custos dos produtos aumentam substancialmente em função do predomínio das rodovia no País" lembrou.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 2) (Natalia Pacheco)

Solução estaria em universalizar ações

Rio de Janeiro, 23 de Março de 2009 - Apesar de grande parte da população mundial não ter consciência da gravidade do problema, alguns esforços têm sido feitos por governantes, instituições e voluntários por todo planeta. Tais ações, porém, não têm sido suficientes para controlar a situação, seja pela pouca participação da sociedade ou pela falta de uma universalização nas diretrizes das medidas.

Enquanto em uma área do planeta há a exploração de lençóis subterrâneos e seus consequentes esgotamentos, em outras há investimentos em canalização de rios, não se chegando a uma conclusão sobre o procedimento ideal que tenha menores impactos para o ambiente.

A África e parte da Ásia seguem como os principais atingidos pela crise. O Brasil, apesar de rico em recursos hídricos, enfrenta problemas em algumas regiões, como o interior do Nordeste, onde a seca atinge milhares de famílias.

"A questão da água no mundo varia de lugar para lugar. Os principais problemas estão localizados na África e na Ásia. Na América Latina, temos uma abundância de recursos, que não são bem aproveitados. O Brasil tem uma riqueza aquífera incrível, que não é aproveitada corretamente", comentou o engenheiro civil da COPPE/UFRJ, Paulo Canedo, que é especialista em engenharia hidráulica.

Além das medidas governamentais, especialistas alertam para a necessidade de que o processo de economia e combate ao desperdício de água comece com o cidadão comum, pois seria completamente ineficaz começar qualquer projeto de preservação dos recursos hídricos sem a participação da população.

"Do século passado para cá, a população mundial aumentou quatro vezes. Isto gerou incremento do consumo doméstico, estimulado por aparelhos como máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça, além de mais gastos da agricultura graças a novas técnicas de irrigação", frisou o presidente do Instituto Pnuma, Haroldo Lemos. "Precisamos de um gerenciamento melhor das ações pela água no mundo".

Uma das soluções sugeridas por Haroldo Lemos seria a utilização de hidrômetros individuais nos apartamentos, ao invés de um por edifício, como é feito na maior parte do mundo.

"Em termos de consumo doméstico, a maior parte do mundo está atrasada. Em Israel, todos os apartamentos têm hidrômetros individuais, o que permite um melhor controle de gastos, enquanto no modelo tradicional, com um hidrômetro por edifício, não há tanta preocupação individual com o excesso de consumo".

Sob a terra

Outra solução que vem sendo usada em diversas partes do planeta é a utilização de reservas subterrâneas, que dispõem de água da melhor qualidade. No entanto, em muitas situações, a exploração não tem sido feita de forma correta, gerando impactos ambientais muitas vezes irreversíveis.

A maior reserva subterrânea de água do mundo está localizada na América do Sul. Trata-se do Aquífero Guarani, que tem 70% (840 mil km) de seus 1, 2 milhão de km de extensão localizados sob solo brasileiro. Há ainda outros 30% divididos entre Paraguai e Uruguai (com 58, 5 mil km cada um) e Argentina (255 mil km) . Um paraíso ecológico, que

Continuação: Solução estaria em universalizar ações

vem sendo "trancado a sete chaves", devido ao receio da repetição dos erros cometidos em outras reservas.

"A Ásia é um dos locais do mundo onde se usa mais a água subterrânea. Só que grande parte das ações que vem sendo feitas lá são verdadeiros crimes, pois a extração não é realizada de uma maneira correta", afirmou o engenheiro Paulo Canedo. "No momento, o meu conselho é que parem de estragar estes recursos

e tentem recuperar o que foi perdido", completou o especialista, lembrando que, não fosse a quantidade de água que temos no planeta, não haveria uma regulação das temperaturas de todas as regiões da Terra.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 5) (Flávio Dilascio)

Empresas fazem pouco para diversificar base acionária

FINANÇAS E MERCADOS

São Paulo, 23 de Março de 2009 - A diversificação da base acionária é um dos principais desejos das companhias de capital aberto. Entretanto, a maioria delas tem se demonstrado incapaz de promover situações para atrair novos investidores por conta própria. Essa é uma das principais conclusões a que chegou uma pesquisa do Bank of the New York Mellon. O levantamento, que está em sua 5ª edição, foi elaborado com 270 companhias do mundo todo - 27% delas na América Latina -, e tem foco nas áreas de Relações com Investidores (RI). De acordo com os dados coletados pela instituição, a maioria das companhias aposta em analistas de corretoras e bancos de investimentos para captar investidores. "Esse comportamento traz uma reflexão importante. Afinal, os bancos de investimento, que estão na lupa no momento, muitas vezes trazem para as empresas não necessariamente os melhores investidores para elas, mas os que pagam as melhores comissões para as instituições financeiras", critica o responsável pela área de ADRs do Bank of New York Mellon, Curtis Smith.

Na avaliação do executivo, 50% das empresas que integram o levantamento acreditam que suas ações têm uma boa cobertura desses analistas. Trata-se da mesma proporção de empresas que buscam, por conta própria, agregar investidores à sua base.

Para Smith, outro dado revelador a respeito dos esforços - ainda limitados - é o fato de a maior parte das

empresas integrantes da pesquisa não manter esforços contínuos para buscar investidores na Ásia. "Pode ser que esse comportamento esteja mudando com a atual crise econômica", afirma o especialista.

A pesquisa do New York Mellon também concluiu que a prática de guidance, quando empresas fornecem alguma tipo de projeção, é pouco difundida na América Latina. Apenas 36% das empresas da região adotam a prática, percentual bem abaixo dos 58% praticados no mundo.

Exemplos de governança

A pesquisa foi divulgada na sexta-feira, durante a cerimônia que marcou a premiação anual em que a consultoria MZ contempla empresas com boas práticas na área de RI.

O prêmio disputados por 163 empresas de 32 países, tiveram como destaques, na América Latina, Eternit, Gol, Nossa Caixa e a ALL logística.

A fabricante de telhas e caixas d'água, por exemplo, foi considerada a melhor companhia da região em governança corporativa. Já a empresa de logística foi premiada por seu site de RI.

(Gazeta Mercantil/Finanças & Mercados - Pág. 3)
(Luciano Feltrin)

Gestão estratégica em debate

INFRA-ESTRUTURA

São Paulo, 23 de Março de 2009 - Será realizado hoje, no Auditório do Conselho Regional de Química - IV Região, em São Paulo, o seminário Gestão Estratégica da Água, alusivo ao Dia Mundial da Água, festejado no domingo.

O evento, promovido pela Gazeta Mercantil, em parceria com o Conselho Regional de Química e a empresa Edutech Ambiental, terá as presenças da secretária de Saneamento e Energia do Estado de São Paulo, Dilma Seli Pena; do presidente da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) , Gesner Oliveira; do especialista em Infraestrutura Sênior da Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental, do Ministério das Cidades, Alexandre Carlos; da diretora do Departamento de Gerenciamento de Recursos Hídricos, da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, Laura Ste-

la Naliato Peres; entre outros participantes.

"O seminário é para comemorar o dia da água e também para pensar nos recursos hídricos como algo essencial", disse Marcos Sillos, diretor da empresa Edutech Ambiental.

Temas do encontro

O seminário, realizado das 9h às 17h, será dividido em quatro painéis, intitulados "Oportunidades econômicas da água e abastecimento seguro para consumo humano"; "Uso sustentável da água"; "Reuso da água na indústria"; e "Legislação hídrica no Brasil e a revisão da Portaria MS 518/04".

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 3) (Redação)

O amarelo é o novo verde de rios e córregos

Woolley, Inglaterra, 23 de Março de 2009 - Nos rincões da província de Shaanxi, no norte da China, em um vilarejo produtor de maçãs chamado Ganquanfang, recentemente visitei uma casa pertencente a dois joviais professores primários, Zhang Min Shu e sua esposa, Wo Zhaoxian. Sua casa não era excepcional ? R" um quintal espaçoso, diversos ambientes ? R" exceto pelo banheiro. Ali, alguns passos acima em uma plataforma azulejada, estava uma toailete como nunca tinha visto antes. Sua bacia era dividida em duas: detritos sólidos iam atrás, e o compartimento da frente coletava urina. Os líquidos e sólidos podem, depois de certo período de estocagem e compostagem, ser aplicados nos campos como um fertilizante livre de patógenos e de custos.

De inseguro quanto a querer um toailete perto da casa em um primeiro momento ? R" o que explica porque o banheiro fica no distante final de seu quintal ? R", no fim das contas o casal passou a ficar tão encantado com ele que se arrepende de não tê-lo construído ao lado da cozinha.

O que isso tem a ver com você? O esquisito banheiro de Zhang e Wu ? R" conhecido como "urine diversion" (algo como "desvio da urina") , ou "NoMix toilet" (por conta de uma marca sueca) ? R" pode ter coisas para ensinar a nós todos.

No mundo industrializado, a maior parte de nós (exceto aqueles que têm fossas sépticas) depende de plantas de tratamento de esgoto para remover nossos excrementos da água potável para abastecimento, em grandes volumes. Vasos sanitários podem usar até 30% do fornecimento de água de uma residência. Esse paradigma é raramente questionado, e eu sei por quê: descargas, esgotos e unidades de tratamento de água usada fazem um ótimo trabalho separando-nos de nossos resíduos potencialmente tóxicos e eliminando a cólera e outras doenças que podem vir pela água. Sem eles, as cidades não funcionariam.

Mas o paradigma é falho. Para começar, limpar es-

goto gasta muita energia. O tratamento de esgoto na Grã-Bretanha usa um quarto da energia gerada pela maior usina termoelétrica a carvão do país.

Depois vem o problema do nutriente: excrementos humanos são ricos em nitrogênio, fósforo e potássio, o que têm feito deles excelentes fertilizantes por milênios e até tempos surpreendentemente recentes. (Uma "fazenda-esgoto" de Pasadena, Califórnia, do século 19, era reconhecida por suas saborosas nozes.) Mas quando o esgoto é jogado nos oceanos em grande quantidade, esses nutrientes podem desbalancear e às vezes sufocar a vida, contribuindo para as zonas mortas (405 no mundo, e contando, segundo estudo recente) . O esgoto, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, é o maior poluente marinho que existe. Plantas de tratamento extraem nutrientes antes de despejar o esgoto em cursos d' água, mas não conseguem removê-los totalmente.

E há ainda o problema da urina. A urina, como qualquer líquido, é uma dor de cabeça para gestores de sistemas de esgoto, porque a maioria desses sistemas pega água dos bueiros junto com a de toailetes, chuveiros e cozinhas. O crescimento populacional já está cobrando sua conta dos esgotos. (A grande rede de esgoto de Londres foi construída no fim do século 19 com capacidade extra de 25%, mas um sistema desenvolvido para três milhões de pessoas agora tem que servir mais que o dobro disso.) Quando uma tempestade repentinamente manda milhões de litros de água para um sistema já sobrecarregado, o excedente precisa ser armazenado ou - se não há capacidade para isso - descarregado, sem tratamento, no rio mais próximo. A cada semana, a cidade de Nova York despeja o equivalente a 800 piscinas olímpicas de água poluída com esgoto nas águas próximas porque não há nenhum outro lugar para onde esse volume possa ir.

Isso provavelmente não vai nos matar, mas não é ideal. Cientistas ambientais da Califórnia calcularam

Continuação: O amarelo é o novo verde de rios e córregos

que o esgoto despejado próximo de 28 praias no sul do estado norte-americano contribuiu para até 1,5 milhão de doenças gastrointestinais a mais, custando US\$ 51 milhões em tratamentos de saúde. Nós podemos fazer melhor que isso.

A urina pode estar um passo adiante. Antes que engenheiros comecem a zombar, considere que pelo menos 135 mil vasos sanitários do tipo "urine-diversion" estão em uso na Suécia e que um instituto aquático suíço fez um estudo de seis anos sobre separação de urina que conta a favor do sistema. Na Suécia, parte da urina coletada é dada a fazendeiros, com poucas objeções. "Se eles podem usar urina e é barata, eles usarão", disse Petter Jensen, professor da Universidade de Agricultura da Noruega.

O preço dos fertilizantes fosfatados subiu 50% no último ano em algumas partes do mundo, à medida que mínguem as reservas de fosfato as maiores no Marrocos e na China. (As previsões mais sombrias sugerem que elas se acabarão dentro de 100 anos.) Embora metade do sedimento de esgoto dos Estados Unidos já seja transformado em um fertilizante barato chamado de "biosólidos", a urina dificilmente contém algum dos patógenos ou metais pesados que os críticos dos "biosólidos" afirmam permanecer no esgoto, mesmo após o tratamento.

O restante da urina coletada na Suécia vai para plantas de tratamento municipais, mas em volumes muito menores, por isso é mais fácil lidar com ela. Uma pesquisa de Jac Wilsenach, hoje um engenheiro civil na África do Sul, descobriu que remover metade da riqueza de nutrientes da urina permite que as bactérias nos tanques de tratamento transformem todo o nitrogênio e fosfato em resíduos sólidos em um único dia, ante os 30 dias necessários usualmente. A separação da urina ainda produz uma borra muito mais rica e produz mais metano, que pode ser transformado em gás ou eletricidade, disse Wilsenach. Resumindo, a separação de urina transforma um tra-

dicional gastador de energia em um gerador líquido de energia.

Dar utilidade à urina não é algo novo. A avó de um amigo se recorda do homem que passava recolhendo os baldes, 60 anos atrás em Yorkshire, para vender o conteúdo a curtumes. O vaso sanitário com descarga acabou com isso, e ninguém quer privadas externas de novo. "Qualquer inovação nos toaletes que aumenta a responsabilidade do dono é provavelmente vista como andar para trás", disse Carol Steinfeld, de New Bedford, Massachusetts, que importa os toaletes da marca NoMix para os Estados Unidos.

Depois há o problema de sentar-se ao vaso: na maior parte dos toaletes com divisão para urina, o homem precisa esvaziar sua bexiga sentado. Isso não seria um problema em alguns países alemães recentemente começou a usar um assento sanitário com um alarme que pressiona o usuário a sentar mas tem sido problema em outros. O professor Jensen ficou desconcertado com um participante de um workshop de treinamento em Cuba que disse firmemente que "se um homem senta para urinar, ele é homossexual".

Por ora, o "saneamento ecológico" ou o despejo mais sustentável do esgoto tem mais sucesso principalmente em países em rápida industrialização, como China e Índia, que têm dinheiro para investir em alternativas, mas pouca estrutura de esgoto. A subcultura dos banheiros de compostagem existe nos Estados Unidos, mas apenas poucas centenas de vasos sanitários com o "desvio" para a urina foram importadas, disse Carol Steinfeld.

A necessidade seja ocasionada pelo preço dos fertilizantes, pelas emissões de carbono ou pelo enfraquecido capital para investimento pode trazer a mudança. Em uma conferência recente sobre água usada, assisti embasbacada a quatro engenheiros correrem para questionar um palestrante que havia falado sobre lagoas de estabilização, que limpam o

Continuação: O amarelo é o novo verde de rios e córregos

esgoto utilizando água, controle de fluxo, bactérias e luz. Normalmente, coisas como essa seriam colocadas na caixinha do saneamento ecológico hippie. Mas, para os gestores que lutam com limitações de orçamento e de cotas de energia, o saneamento mais sustentável e com consumo menor de energia pode estar começando a fazer sentido.

É como Zhang me disse com um sorriso: "Para mim, seja qual for o toailete, eu uso. Por exemplo, aqui comemos trigo. Quando vamos para o sul da China, comemos arroz. De outra forma, morreríamos de fome".

Já se passaram mais de 100 anos desde que Teddy

Roosevelt pensou em voz alta que "pessoas civilizadas precisam saber como se livrar do esgoto de alguma outra forma que não seja despejando-o na água potável". O vaso sanitário da família Zhang não é a resposta perfeita para Roosevelt, uma vez que ainda utiliza alguma água, embora 80% menos do que uma descarga comum usa. Mas pelo menos é o resultado de alguém perguntando as questões certas.

(Gazeta Mercantil/Relatorio - Pág. 4) (Rose George Especial para o The New York Times - Autora de "The Big Necessity: The Unmentionable World of Human Waste and Why It Matters".)